

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



VISITA AO BRASIL
DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA, SENHOR
RONALD REAGAN - 1982

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

VISITA AO BRASIL
DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA, SENHOR
RONALD REAGAN - 1982

COMITIVA OFICIAL

- Sua Excelência o Senhor George P. Schultz, Secretário de Estado
- Sua Excelência o Senhor Langhorne Anthony Motley, Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil
- Sua Excelência o Senhor Donald T. Regan, Secretário do Tesouro
- Sua Excelência o Senhor William E. Brock, Representante em Negociações Comerciais
- Sua Excelência o Senhor James A. Baker, III Chefe de Gabinete do Presidente
- Sua Excelência o Senhor Michael K. Deaver, Sub-Chefe do Gabinete do Presidente
- Sua Excelência o Senhor William P. Clark, Assessor do Presidente para Assuntos de Segurança Nacional
- Sua Excelência o Senhor Richard G. Darman, Assessor do Presidente e do Chefe do Gabinete do Presidente
- Sua Excelência o Senhor David R. Gergen, Assessor do Presidente para Assuntos de Divulgação
- Sua Excelência o Senhor Edward V. Hickey Jr., Diretor dos Serviços Especiais de Logística
- Sua Excelência o Senhor Michael A. McManus Jr., Assessor do Sub-Chefe do Gabinete do Presidente
- Sua Excelência o Senhor Larry M. Speakes, Sub-Secretário de Imprensa do Presidente
- Sua Excelência o Senhor Thomas O. Enders, Sub-Secretário de Estado para Assuntos Latino-Americanos
- Sua Excelência o Senhor Marc E. Leland, Sub-Secretário do Tesouro para Assuntos Internacionais
- Senhor Donald E. de Kieffer, Conselheiro do Escritório do Representante para Negociações Comerciais

PROGRAMA

30 DE NOVEMBRO

- 22:30 h — Chegada à Brasília
local: Base Aérea
- 23:30 h — Instalação no Palácio Alvorada

01 DE DEZEMBRO

- 10:00 h — Encontro com o Presidente João Figueiredo
local: Palácio do Planalto
- 12:15 h — Chegada à Granja do Torto
- 13:30 h — Almoço de trabalho
local: Granja do Torto
- 19:00 h — Encontro com parlamentares brasileiros
local: Palácio Alvorada
- 20:00 h — Jantar oferecido pelo Presidente João Figueiredo ao Presidente dos Estados Unidos da América, Senhor Ronald Reagan
local: Palácio Itamaraty

02 DE DEZEMBRO

- 09:15 h — Visita à Embaixada dos Estados Unidos da América
- 10:00 h — Encontro com o Presidente João Figueiredo
local: Palácio do Planalto
- 11:30 h — Almoço íntimo
local: Palácio Alvorada
- 12:55 h — Chegada à Base Aérea de Brasília
- 13:00 h — Partida para São Paulo
- 14:00 h — Chegada à Campinas
local: Aeroporto Internacional de Viracopos
- 14:05 h — Partida para o Palácio dos Bandeirantes
- 14:40 h — Chega ao Palácio dos Bandeirantes
local: Heliporto

- 15:00 h — Visita de cortesia ao Governador do Estado de São Paulo,
Senhor José Maria Marin
local: Palácio dos Bandeirantes
- 16:00 h — Encontro, seguido de recepção, com representantes empresariais do Brasil e dos Estados Unidos da América
local: Palácio dos Bandeirantes
- 18:30 h — Partida para Campinas
local: Palácio dos Bandeirantes — Heliporto
- 19:05 h — Chegada à Campinas
local: Aeroporto Internacional de Viracopos
- 19:10 h — Partida para Brasília
- 20:10 h — Chegada à Brasília
local: Base Aérea
- 20:30 h — Instalação no Palácio Alvorada

03 DE DEZEMBRO

- 08:10 h — Cerimônia de Despedida
local: Base Aérea de Brasília
- 08:30 h — Partida para Bogotá

30 DE NOVEMBRO
BASE AÉREA
BRASÍLIA - DF

DISCURSO DO PRESIDENTE JOÃO
FIGUEIREDO POR OCASIÃO DA CHE-
GADA AO BRASIL DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA,
SENHOR RONALD REAGAN.

Excelentíssimo Senhor Presidente Ronald Reagan:

Em nome do Governo e do povo brasileiro, tenho a satisfação de saudar Vossa Excelência no momento em que inicia sua visita ao Brasil.

Aos ilustres membros da comitiva de Vossa Excelência, peço que também aceitem meus votos de boas-vindas.

Quero que minhas primeiras palavras evoquem a grata visita que, há seis meses, realizei ao grande país de Vossa Excelência. Eu e — estou certo — todos os brasileiros, procuraremos retribuir a gentileza com que os norte-americanos, e pessoalmente Vossa Excelência, me distinguiram durante minha estada em Washington.

A amizade, a consideração mútua e o diálogo aberto entre os Presidentes dos Estados Unidos da América e do Brasil refletem com perfeição o estado das relações entre as duas repúblicas. A presença, entre nós, do Presidente norte-americano, é mais um atestado da ampla e amistosa convivência de nossos povos.

Serve, também, para acentuar a unidade de propósitos que deve animar as Américas. Vindo ao Brasil, acha-se Vossa Excelência em terra latino-americana. E hoje, talvez mais que em outras épocas, parece essencial meditarmos sobre os ru-

mos da convivência entre os países do Hemisfério. São tão graves e dramáticos os desafios do presente, que as fórmulas do passado se revelam inadequadas para enfrentá-los. É hora, pois, de reforçarmos nosso entendimento, de expormos uns aos outros os nossos problemas e aspirações, e de caminharmos no rumo de uma genuína e eqüitativa parceria.

As relações interamericanas se caracterizam pela pluralidade de percepções e interesses que marca a vida ocidental como um todo. Por desempenharem papéis distintos na ordem mundial, os Estados Unidos e a América Latina freqüentemente apreciarão, de forma também diferenciada, as questões internacionais. Ao trabalharmos para ajustar essas percepções e esses interesses, é fundamental que cada um de nós preserve sua autenticidade e participe construtivamente, e sem constrangimentos, de uma tarefa que só pode ser comum.

Nossos povos esperam que nela empenhemos nossa vontade política, e que busquemos compreender mutuamente nossas necessidades. Esperam que tenhamos o descortino de responder uns aos outros, num quadro em que os problemas de cada um se vêem agravados pela crise econômica que a todos afeta.

Vivemos um tempo de sérias e crescentes preocupações, um tempo que requer a conjunção construtiva de esforços em nível global e regional. A construção da paz, o retorno da prosperidade e a retomada do desenvolvimento são objetivos interligados. Sua consecução dependerá do trabalho harmônico da comunidade das nações, para o qual nossos países saberão dar a contribuição que lhes cabe.

O Brasil que Vossa Excelência hoje visita é resultado de um notável esforço pela renovação e pelo desenvolvimento. Apesar das dificuldades do momento, temos plena confiança em que seremos capazes de seguir a trilha de democracia e progresso que o povo brasileiro escolheu. Temos a certeza de que, no plano internacional, nossos amigos não nos faltarão, como não nos faltaram no passado, nem nós a eles.

Recebemos Vossa Excelência com esse espírito de hospitalidade e franqueza. Faço votos para que a estada de Vossa Excelência entre nós seja plena de bons momentos e signifique, por seu êxito, um progresso importante nas relações que, há tantos anos, unem brasileiros e norte-americanos.

30 DE NOVEMBRO
BASE AÉREA
BRASÍLIA – DF

DISCURSO DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SENHOR RONALD REAGAN, AO DESEMBARCAR NO BRASIL.

Sinto-me encantado de estar aqui neste país, e de ter a oportunidade de ver esta cidade, famosa no mundo inteiro como expressão da confiança do Brasil em seu destino. Estou ansioso para fortalecer minha amizade com o presidente Figueiredo, tão calorosamente iniciada em maio, e para dar continuidade às discussões que começamos em Washington.

Aqui estamos em visita de trabalho. Além do secretário de Estado Shultz, trouxe comigo o secretário do Tesouro, Reagan, nosso representante comercial, embaixador Brock, e outros líderes de nosso governo. Estamos dispostos a debater uma ampla gama de assuntos.

Estou, também, ansioso para aprender, desde logo, sobre este gigantesco país e o contraste entre esta cidade e São Paulo, tão conhecida mundialmente como um prodígio industrial e metropolitano.

Nossas sociedades se assemelham no sentido de que ambas têm uma tradição de fronteiras, uma abertura e visão para a grandeza. São igualmente semelhantes as raízes de nossas nações. Somos ambas nações-cadinhos – que obtiveram êxito em proporcionar aos seus cidadãos, não obstante suas origens, uma oportunidade de partilhar, com sua iniciativa, trabalho árduo e inteligência na visão da liberdade: liberdade de culto e de trabalho com dignidade para uma vida melhor.

Os senhores, no Brasil, têm grandes sonhos e uma enorme nação abençoada por vastos recursos, com os quais poderão torná-los realidade. Aqui, em Brasília, vemos uma prova impressionante do espírito de um povo com energia ilimitada, determinação e confiança em seu futuro.

Todos nós temos conhecimento do progresso vigoroso e firme do Brasil, tanto interna quanto externamente. As eleições de 15 de novembro demonstram a confiança do Brasil em si mesmo e em sua estabilidade na liberdade. De modo similar, a gestão da economia brasileira, em tempos de dificuldades econômicas em todo o mundo, inspira-nos todos, no sentido de que nossos problemas atuais podem ser resolvidos.

Conquanto possamos ter áreas de desacordo, também temos muito em comum. Estou certo de que nossas conversações serão frutíferas e benéficas para ambos os nossos países.

Em nome do povo dos Estados Unidos, sou portador de nossos melhores votos e de nossa amizade.

Presidente Figueiredo, fico muito grato por sua acolhida. Já me sinto em casa.

01 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA – DF

DISCURSO DO PRESIDENTE JOÃO
FIGUEIREDO POR OCASIÃO DO JAN-
TAR OFERECIDO AO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA,
SENHOR RONALD REAGAN.

Excelentíssimo Senhor Presidente Ronald Reagan,

A visita de Vossa Excelência ao Brasil se inscreve no quadro de perene amizade e compreensão mútua entre nossos países.

Nossos povos e nossos governos se beneficiam de amplo e valioso patrimônio de conhecimento, estima e respeito recíprocos, formado em mais de século e meio de boa convivência. Partes da mesma civilização ocidental, permanecemos dedicados aos ideais de liberdade e progresso, à preservação dos direitos individuais e da identidade de nossos povos.

Tudo isso nos aproxima e nos une. O debate de idéias, a defesa de interesses legítimos, o respeito pelos interlocutores, que caracterizam cada uma de nossas sociedades, distinguem ainda o nosso relacionamento. A franqueza com que nos falamos atesta que são maduras as nossas relações.

Países em diferentes estágios de desenvolvimento, que se inserem de forma diversa na ordem internacional, o Brasil e os Estados Unidos da América buscam o diálogo construtivo. Sabem considerar as posições de cada uma das partes, e procuram, com realismo, harmonizar seus interesses e objetivos. A renovada intensidade dos contactos e visitas de alto nível

reflete nossa aproximação. Nossos países sempre estiveram unidos por aspirações comuns, embora reconheçamos não serem idênticas as responsabilidades internacionais, nem igual o poder de cada um.

Nossas convergências de opinião nos asseguram a liberdade de discordar e, justamente porque a temos, ganhamos espaço para tratar nossas relações de maneira cordial e objetiva. Não foi outro o espírito de nosso encontro em Washington, em maio último. As circunstâncias, naquela ocasião, fizeram com que lançássemos nossos olhos sobre a grave crise das Malvinas, questão em que, embora mantivéssemos posições diferenciadas, fomos capazes de manter diálogo altamente proveitoso.

Senhor Presidente,

Estamos vivendo um momento internacional extraordinariamente difícil. As relações Leste-Oeste passam por uma fase de exacerbação, embora haja sinais promissores. Em diversas áreas, registram-se tensões de vulto, ao mesmo tempo em que percebemos oportunidades de negociação que, perdidas, talvez não se renovem com facilidade.

Refiro-me, em especial, ao Oriente Médio, questão na qual Vossa Excelência tomou importante iniciativa que, juntamente com outras propostas construtivas e serenas, provenientes de países da própria região, há de oferecer base adequada para negociações.

Refiro-me, ainda, à Namíbia, que nos defronta na costa africana, e cujo processo de independência chegou a um ponto crítico. O papel fundamental que o Governo de Vossa Excelência está desempenhando e ainda irá desempenhar nesse processo se refletirá, sem dúvida, sobre as possibilidades de melhor entendimento entre o Ocidente e o Terceiro Mundo, aproximação que é do mais alto interesse para nós. Confiamos em que a independência na Namíbia possa ser alcançada prontamente, atendidas as justas aspirações de seu povo e aumentadas as condições de segurança para os países da África meridional.

Nosso hemisfério não escapou ao agravamento das tensões internacionais. A convivência entre as Américas está sofrendo desgastes que muito nos preocupam. O Brasil favorece o fortalecimento das relações hemisféricas. Temos que cons-

truir novas formas de convivência, que levem em conta a complexidade dos nossos desafios, e que reforcem a amizade e a cooperação hemisféricas.

Juntos devemos enfrentar os problemas de que a América Latina tanto sofre. Mas devemos ir às suas raízes econômicas e sociais, pois não podem as soluções pluralistas e democráticas prosperar num quadro de pobreza e instabilidade social, em que cada país se sinta ameaçado em sua segurança econômica.

Voltados para o futuro, devemos reconhecer a importância e a vitalidade de nossas relações nesse novo contexto mundial. A América Latina por certo responde à necessidade de globalizar sua presença internacional, de acelerar contatos com todo o mundo industrializado, e de lançar-se no esforço de cooperação com os demais países do Terceiro Mundo. Não penso, pois, no retorno a velhos padrões de relacionamento, mas em fórmulas de consulta e métodos de trabalho que nos permitam estabelecer parcerias mutuamente satisfatórias.

Não poderia deixar de mencionar, nesta oportunidade, a apreensão do Brasil com a deterioração do quadro político na América Central. Cremos, firmemente, que naquela região, como nas demais, o direito dos povos e a soberania dos Governos devem ser respeitados sem ingerências ou pressões externas. Vemos com grande esperança a contribuição que podem dar à pacificação dos espíritos e à pesquisa de soluções democráticas e livres, os países latino-americanos que, como o México, a Venezuela e a Colômbia, aliam uma inestimável experiência política a uma tradicional presença naquela região.

Senhor Presidente,

Os problemas políticos da atualidade devem ser vistos à luz da crise econômica mundial, cujos contornos e perigos tive a oportunidade de examinar em discurso perante a Assembleia-Geral das Nações Unidas.

As linhas mestras daquele pronunciamento não necessitam de confirmação. Suas repercussões internacionais, inclusive o interesse do Governo e da opinião pública norte-americana, deram-me a certeza de que havia tocado em questões essenciais. Era necessário que assim fizesse, porque são países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, os que mais

sofrem com a contração do comércio mundial, o emperramento dos fluxos financeiros internacionais e a estagnação da economia em escala global.

Tenho toda a confiança na política econômica e financeira de meu governo.

— E não posso deixar de registrar, neste instante, o agradecimento brasileiro pela apreciação da solidez dessa política, emanada de altas autoridades do Governo de seu país.

É claro, porém, que as dificuldades do Brasil serão enormemente acrescidas:

- se persistirem as tendências protecionistas que restringem o acesso dos produtos brasileiros aos grandes mercados;*
- se não forem agilizados os fluxos financeiros internacionais;*
- se os países em desenvolvimento, que hoje absorvem mais de 40% de nossas exportações, não tiverem minoradas suas dificuldades presentes;*
- e, por último, se não forem reforçados os organismos multilaterais, com ampliação de seus recursos, atualização e flexibilização de seus critérios operacionais, e mais fácil acesso dos países em desenvolvimento a seus processos decisórios.*

Numa palavra, para a economia mundial retomar seu funcionamento regular, em benefício de todos, será preciso reativar o espírito de cooperação internacional para o desenvolvimento. Desse modo se promoverá a recuperação da confiança e da estabilidade nos sistemas internacionais de comércio e finanças.

A retomada do diálogo Norte-Sul — entre as nações ricas e pobres — será parcela importante dos esforços conjuntos, com vistas à recuperação da economia mundial. Nesse contexto, devo registrar que o Brasil permanece profundamente interessado no lançamento das chamadas Negociações Globais, no seio das Nações Unidas.

Senhor Presidente,

A sua chegada em nossa terra, tive ocasião de dizer que Vossa Excelência visita um Brasil renovado por seu esforço em busca do desenvolvimento. Cento e vinte milhões de brasileiros

espalhados na vastidão de seu território realizam uma experiência nacional rica e fascinante.

A gente brasileira está, por toda parte, voltada para o gigantesco esforço da construção nacional. Dos mais remotos confins da Amazônia, dos áspersos sertões do Nordeste, dos campos gerais às áreas industrializadas e aos pampas, nosso povo, em ordem e com serenidade, reclama o justo fruto de seu trabalho.

Desejamos ver o Brasil eqüitativamente recompensado pela contribuição que presta à economia internacional. Devotados aos ideais democráticos, o Governo e a sociedade brasileira se empenham pela participação política e pela justiça social. Povo e Governo querem o Brasil fiel as suas raízes, livre, independente, e amigo de seus amigos.

Esta terra e esta gente, Senhor Presidente, lhe estendem toda a nossa hospitalidade. Sua visita constitui o melhor ensejo para fortalecer e ampliar a compreensão entre os Estados Unidos da América e o Brasil. É sincero propósito de meu Governo aprofundar o nosso diálogo e estreitar nossos laços.

Permita-me, Senhor Presidente, convidar todos os presentes a comigo erguerem suas taças num brinde à amizade que une os Estados Unidos da América e o Brasil, à prosperidade do povo norte-americano, e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.

01 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF

DISCURSO DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SENHOR RONALD REAGAN, POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO.

Presidente Figueiredo, muito obrigado pela sua cordial acolhida. Existe um velho ditado no Brasil que diz: “os Estados Unidos são um país muito grande, mas o Brasil é colossal”. Voando horas a fio num avião a jato, é que se pode compreender como o Brasil é colossal. Na verdade, a única coisa que é maior do que o Brasil é o coração e a boa vontade do povo brasileiro. Vossa Excelência, Senhor Presidente, e todo o povo brasileiro, disseram bem-vindo, e nós nos sentimos bem-vindos e em casa.

Disseram-me que, há 77 anos, o Barão do Rio Branco, aquele grande diplomata brasileiro, ao referir-se à chegada de um dos antecessores do secretário Shultz, Elihu Root, teria dito que os seus olhos podem não ficar maravilhados pelo nosso pequeno progresso material, mas a sua filosofia americana certamente ficará satisfeita em constatar os novos fenômenos da nação brasileira: a atividade, a energia e a esperança. Posso assegurar-lhes que a minha filosofia americana ainda está muito afinada com a fenomenal atividade, a energia e a esperança do Brasil. Tenho que admitir também que os meus olhos estão maravilhados com o progresso da nação brasileira.

Obviamente, o período de pós-guerra, o tempo em que as relações ainda eram determinadas pelos eventos monumen-

tais da segunda guerra mundial, terminou. Os velhos padrões estão dando lugar a novos relacionamentos. O poder econômico e político, que no passado estava concentrado nas mãos de alguns, está sendo compartilhado — e assim deveria ser — entre muitas nações. Este é o resultado não de uma redistribuição, mas sim da criação de uma vasta e nova riqueza gerada pela tecnologia moderna, pela iniciativa inovadora, e pelo trabalho árduo.

Presidente Figueiredo, Vossa Excelência o resumiu muito bem nas Nações Unidas, quando disse: “a vertiginosa liberação de forças produtivas em escala planetária no pós-guerra construiu, em questão de poucas décadas, a intrincada tessitura de um mundo diferente, mais complexo e instável, mas também mais diversificado e promissor.”

Senhor Presidente, fiquei muito impressionado pela profundidade de sua análise e a força de convicção de seu discurso nas Nações Unidas.

Hoje, Senhor Presidente, eu renovo o meu compromisso de manter com Vossa Excelência consultas as mais estreitas possíveis. Amizade não significa acordo total; mas sugere valores e ideais partilhados, respeito mútuo e confiança. Isto certamente é verdade tanto da parte do povo brasileiro como do povo americano — eu sei, Senhor Presidente, que certamente é verdade no que se refere a Vossa Excelência e a mim, como indivíduos. Nossos países, como amigos, e nós, como líderes de nossas grandes nações, trabalharemos em conjunto para vencer os desafios à nossa prosperidade e liberdade.

Recentemente, as nossas economias foram duramente atingidas pela recessão, algo que ocorreu em quase todo o mundo. Nos Estados Unidos, assim como estão fazendo no Brasil, tomamos muitas medidas penosas para vencer a crise econômica que ameaça o nosso povo.

A auto-disciplina é necessária; a acomodação mútua também o é. Os tomadores de empréstimos precisam agir para restringir os seus déficits. E também é igualmente importante que os concessionários de empréstimos não recusem novas verbas aos países que adotarem planos eficazes de estabilização. Credores e devedores devem lembrar-se que ambos têm um enorme interesse no êxito mútuo.

Igualmente, a integridade do sistema mundial de comércio deve ser preservada para que sirva novamente como a grande máquina do crescimento. Os mercados fechados devem ser abertos cuidadosamente. Os mercados abertos devem ser resguardados do protecionismo.

Nosso desafio é fazer com que o nosso relacionamento comercial e financeiro permaneça como uma fonte de prosperidade e força — e não se torne uma fonte de discórdia e desacordo.

Para esse fim, acreditamos que as relações econômicas entre as nações comerciais do mundo devem repousar sobre três pilares principais:

— Primeiro, um espírito de cooperação. Nossas economias encontram-se tão claramente entrelaçadas que nossa melhor esperança para o crescimento é agir em conjunto, não isoladamente. Nada é mais destrutivo do que decisões unilaterais por parte de países individualmente, de reduzir o comércio ou os fluxos financeiros. Não podemos prescrever o que deveria ser feito pelo setor privado. Porém, nosso objetivo deveria ser relações governamentais e privadas nas quais se possam confiar.

— Segundo, um espírito de equidade. No clima atual, existe uma poderosa tentação de que países a adotar uma linha de ação às custas de seus vizinhos. No passado constatamos o dano decorrente de tal atitude.

— Finalmente, deve haver um espírito de compromisso — compromisso em prol de um crescimento econômico estável compartilhado pelas nações de todo o mundo.

Os problemas da dívida enfrentados por muitas nações, hoje, são formidáveis, e devemos agir em conjunto para garantia de que dispomos dos mecanismos para lidar com eles. Os recursos do Fundo Monetário Internacional constituem um dos mais importantes desses instrumentos. A fim de assegurar que os recursos do FMI sejam adequados, os Estados Unidos propuseram que, além de um aumento nas quotas do FMI, deveria haver também uma modalidade especial de empréstimo para fazer face às demandas que possam se apresentar ao FMI. Toda vez que países necessitem de assistência, ao recorrerem ao FMI, aqueles capazes de proporcionar créditos-ponte devem agir nesse sentido. Também necessitamos de

regulamentos comerciais que reflitam as enormes mudanças ocorridas no comércio mundial desde a criação do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) há 35 anos. A reunião recém-encerrada em Genebra foi um passo proveitoso nesse sentido, mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

Muitos países necessitarão atravessar um período penoso enquanto realizam, nos anos futuros, os ajustes necessários, e nós precisamos trabalhar em estreita colaboração durante essa transição.

Trabalharemos com os senhores para ajudar na evolução do Sistema Internacional a fim de proporcionar uma era econômica mais luminosa para nossos povos.

As vezes é muito fácil sermos atraídos para a cilada de vermos apenas os problemas, os percalços e os pontos vulneráveis ao longo do caminho. Isto é particularmente verdadeiro em tempos de crise econômica.

Presidente Figueiredo, nos Estados Unidos vencendo a nossa crise, e quero que Vossa Excelência e todos os brasileiros saibam que estamos confiantes em que o Brasil superará as suas dificuldades atuais. Existe um dito popular aqui de que "ninguém segura este país". Assim sendo, Senhor Presidente, eu digo, agora, "prá frente, Brasil".

Estamos confiantes porque conhecemos o caráter de seu povo. Nossos cidadãos vêm do mesmo molde. Somos nações de imigrantes. Nosso espírito nacional foi forjado no pioneirismo por gente que teve a coragem de deixar o conhecido e enfrentar o desconhecido. Esta é a herança da sua terra e da minha.

O povo que aqui veio queria melhorar a sua vida e a vida de seus filhos. A fronteira do novo mundo não oferecia ruas pavimentadas de ouro, mas sim oferecia oportunidade e o espírito de liberdade. Hoje, os povos amantes da liberdade em todo o mundo sentem-se imensamente encorajados pela sua transição estável de volta à democracia.

A história prova que quanto mais livre se torna um povo, mais se desencadeiam as suas energias criativas. Vossa Excelência mencionou isto no ano passado, ao falar de seu compromisso para com um governo representativo. Vossa Excelência disse que a democracia é nada mais do que um sistema no qual

cada indivíduo tem a oportunidade de desempenhar um papel altamente responsável e ativo no cenário da política nacional, ao invés do papel de mero espectador passivo.

No mês passado, cerca de 50 milhões de seus compatriotas tornaram-se cidadãos politicamente ativos ao invés de espectadores. Suas eleições legislativas e governamentais demonstraram o vigor e a vitalidade do ideal democrático neste hemisfério. Nós o saudamos, Presidente Figueiredo, pela sua forte liderança na abertura deste novo capítulo na história de seu país, e também saudamos o povo brasileiro por tudo que foi dito, as suas eleições foram muito mais do que um confronto político — foram uma manifestação eloqüente de liberdade.

O que almejamos é um hemisfério no qual o futuro é determinado não pelas balas, mas pelos votos; um hemisfério de países em paz consigo mesmos, com seus vizinhos, e em paz com o mundo.

A paz que conhecemos tem sido um bem precioso para as américas. Ao invés de despendar uma grande parcela de seus recursos em gastos militares, os países em desenvolvimento deste hemisfério investiram no futuro. Isto não foi mero acidente.

Desde a união panamericana até o tratado do Rio de Janeiro e a organização dos estados americanos, este hemisfério tem estado na vanguarda da cooperação internacional multilateral. Nenhuma outra região do mundo pode igualar nosso feito.

Senhor Presidente, não posso esquecer de que, na última ocasião em que nos vimos, este hemisfério enfrentava uma crise no Atlântico Sul. O seu País foi uma voz de moderação e razão. Ambos achamos inaceitável o uso inicial da força para resolver aquela disputa. Para enfatizar o nosso apoio a este princípio, os Estados Unidos recentemente se uniram ao Brasil e a outros países do hemisfério para conclamar a Grã Bretanha e a Argentina a negociarem as suas diferenças.

Conforme sugerido no discurso de Vossa Excelência perante as Nações Unidas, a preocupação do Brasil pela paz se estende muito além deste hemisfério, particularmente numa era em que as armas da destruição ameaçam a toda a humanidade. Deixem-me assegurar-lhes hoje à noite, e a todos os nossos amigos neste hemisfério, que os Estados Uni-

dos estão absolutamente decididos a manter a paz, e a frear a corrida armamentista nuclear.

Também nisso o nosso hemisfério tem um passado exemplar. Através da zona desnuclearizada, conforme definida pelo Tratado de Tlatelolco de 1967, já demonstramos o tipo de progresso que pode ser atingido nesta área vital de controle de armamentos.

O Brasil pode orgulhar-se do fato de que é um país cujas vastas fronteiras tocam mais nações do que qualquer outra no hemisfério — e, no entanto, vive em paz com seus vizinhos. Este é um legado de uma geração anterior de brasileiros como o Barão do Rio Branco, que, com visão, trabalho árduo e espírito de justiça e conciliação, resolveram problemas difíceis. Juntos, devemos procurar passar adiante este mesmo legado de paz às futuras gerações de nosso hemisfério.

Mas tão ameaçadores quanto os exércitos convencionais e as armas nucleares, são os pretensos revolucionários que minam governos legítimos e destroem as fontes do progresso econômico; rebeldes que são armados, a um custo muito elevado, pelo preposto de uma potência longínqua, uma potência que esposa uma filosofia alheia às américas, cujo objetivo é a desestabilização dos nossos governos e das nossas economias, isto é agressão pura e simples.

Quando o Presidente Dwight Eisenhower visitou esta cidade em 1960 — mesmo antes que ela fosse consagrada como sua capital — ele frisou o compromisso dos Estados Unidos com a carta da organização dos estados americanos e o tratado interamericano de assistência recíproca do Rio de Janeiro. Hoje, eu reafirmo o nosso empenho e a nossa promessa. Colocamo-nos lado a lado, firmemente, com as outras responsáveis das américas, para opor-nos àqueles que, mediante o uso da violência e da força das armas, tentarem minar o progresso econômico e a estabilidade política.

O pacto entre os países americanos é, sem dúvida, tanto de natureza moral como jurídica. Um grande estadista brasileiro, Joaquim Nabuco, compreendeu isto quando, no limiar do nosso século, ele afirmou que a nossa aliança é completamente pacífica, e brilha além da órbita americana para que o mundo saiba que o nosso hemisfério, agora, pode ser chamado de hemisfério da paz.

Essas palavras refletem a meta dos Estados Unidos: um hemisfério de paz.

Hoje à noite quero compartilhar com os senhores um sonho que tenho sobre as américas. Joaquim Nabuco deve ter tido um sonho parecido quando ele nos conclamou a sermos a vanguarda da civilização. É uma visão de duas grandes massas continentais, ricas em oportunidades e recursos; povoadas por gente de todas as partes do mundo, de todas as raças e passados; vivendo juntos, negociando juntos em paz e liberdade; povos que compartilham um desejo de liberdade e respeito pelos direitos de outros. Povos que sabem que com criatividade e iniciativa nenhum obstáculo é grande demais. Povos que compartilham aqueles valores fundamentais sobre Deus, a família e a justiça, os quais dão significado à nossa existência.

O que é tão notável é que este sonho está ao alcance desta geração. Temos um hemisfério de 600 milhões de seres valorosos. Temos os recursos e o "know-how". Igualmente importante, temos uma fonte de boa vontade entre nós que espera ser aproveitada. Com esperança, empenho, bom senso e força de caráter, podemos enfrentar os desafios à nossa paz e prosperidade. Ninguém deve sentir-se desalentado pela noite escura de problemas que nos cercam. Um lindo alvorecer nos espera, e quando ele chegar, como disse Nabuco, poderemos brilhar como um exemplo para o resto do mundo. Podemos ser e seremos um hemisfério de paz, de prosperidade, e de liberdade.

Presidente Figueiredo, todos aqui presentes, foi para mim uma honra estar aqui esta noite. Queiram aceitar, em nome do povo norte-americano, os nossos mais calorosos votos de amizade, admiração e respeito.

02 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DOS BANDEIRANTES
SÃO PAULO — SP

DISCURSO DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SENHOR RONALD REAGAN, DURANTE ENCONTRO COM EMPRESÁRIOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Obrigado. Esperei muito por este dia. É uma honra falar a homens e mulheres de empresa, aqui em São Paulo. Esta cidade foi fruto de uma idéia inovadora e trabalho árduo, num espírito de confiança e esperança.

Trago-lhes sinceros votos de amizade de seus vizinhos do norte que, como vocês, são americanos — cidadãos deste novo mundo — como vocês eles anseiam profundamente pela paz, compartilham seu amor pela democracia, e seu empenho de construir um futuro de progresso e oportunidade. Em nome deles, eu digo a todos vocês: “estamos com o Brasil e não mudamos”.

Contemplamos o Brasil com a admiração e o respeito devido a uma grande nação. Um de seus mais famosos escritores, Monteiro Lobato, viveu em nosso país nas décadas de vinte e trinta. Enquanto nos Estados Unidos, ele escreveu um livro chamado “América”, no qual disse que o brasileiro considera seu país a maravilha das maravilhas, mas com um único defeito, não é bem conhecido no exterior.

Se estivesse escrevendo hoje, ele ainda poderia dizer, o Brasil é a maravilha das maravilhas; mas ele teria que admitir que a reputação do Brasil igualou-se às suas realizações.

Ouvimos dizer que, num mundo abalado por tensões políticas, recessão, pobreza, problemas de energia, dívida, altas taxas de juros e inflação, existe pouca esperança de uma nova era de crescimento e prosperidade duradouros.

Jamais minimizaria os problemas que enfrentamos ou nossa necessidade urgente de lidarmos efetivamente com eles. Falarei sobre eles dentro de um minuto. Mas, tenho que dizer que já vivi bastante. Sobrevivi às guerras mundiais, e à depressão econômica. E o que mais me impressionou, mais ainda do que estas crises terríveis, foi a infinita coragem humana de reagir, de lutar, de encontrar novas curas e novas soluções.

A todos que alardeiam o apocalipse, e eles estão em toda parte, temos uma mensagem: a esperança do mundo vive mundo vive aqui — no novo mundo — onde o amanhã é construído hoje, por corajosos pioneiros como vocês — pessoas que acreditam umas nas outras e que nunca perderão a fé no futuro.

Naquele memorável discurso que o Presidente Figueiredo proferiu nas Nações Unidas ele expressou a sua confiança na capacidade de renovação da comunidade mundial. Ele disse do Brasil: “vimos realizando um esforço notável de desenvolvimento econômico, com resultados promissores que enchem de esperança não só o povo brasileiro, mas também todos os povos que anseiam por conquistar níveis de vida compatíveis com a dignidade humana e com o grau de desenvolvimento social, econômico, científico e tecnológico de nossa época”.

Eu compartilho de sua confiança. Posso também compartilhar com vocês hoje um sonho que acalento há muito tempo? O sonho de fortalecer as nossas relações com o Brasil e com todos os nossos vizinhos aqui no hemisfério ocidental. Neste planeta cada vez menor, o esforço de renovação, progresso econômico e liderança por uma paz mundial deve vir cada vez mais do novo mundo. Aqui somos abençoados por grande abundância: recursos, tecnologia, e, mais importante, pelo espírito de liberdade — um espírito que canaliza nossas energias na busca de um bem maior.

Há no mundo de hoje uma pretensa revolução; uma revolução de conquistas territoriais, uma revolução de coerção e controle do pensamento onde países governam por meio de

armas e cercas de arame farpado não para manter os inimigos lá fora e sim para manter seus povos lá dentro.

A revolução real vive nos princípios que brotaram aqui no novo mundo... o primeiro princípio diz que a humanidade não será governada, nas palavras de Thomas Jefferson, "por uma minoria favorecida". O segundo é um compromisso para com cada homem, mulher e criança de que não importa qual seja a sua formação, não importa quão humilde seja sua posição na vida, não deve haver limite para a sua capacidade de alcançar as estrelas e de progredir até onde Ihe possam levar os talentos que Deus Ihe deu.

Confiem do povo; acreditem que cada ser humano é capaz de grandeza; acreditem que cada sociedade é capaz de autogovernar-se — esta é a alma de nossa revolução, a alma da democracia e da liberdade; é o legado do novo para o velho mundo. Somente quando o povo é livre para venerar, criar e construir, somente quando ele tem a possibilidade de participar pessoalmente nas decisões que afetam o seu destino, e beneficiar-se de seus próprios riscos — somente, então, podem as sociedades tornar-se dinâmicas, prósperas, progressistas e livres.

Em termos geográficos o Brasil está no Sul e os Estados Unidos no Norte. Mas em termos de laços históricos e valores fundamentais, somos nações do ocidente do novo mundo. E estamos entre as poucas nações que exercem influência e responsabilidade mundiais.

Como americanos do Norte e do Sul, quer sejamos líderes no governo ou da indústria privada, devemos trabalhar mais arduamente para derrubar as barreiras que se opõem às oportunidades para o nosso povo; devemos canalizar todo o recurso possível para o crescimento; devemos insistir em políticas econômicas sólidas para nossos países, e sistemas comerciais e financeiros mais abertos em todo o mundo.

As grandes repúblicas da América do Sul e do Norte e do Caribe têm um potencial virtualmente ilimitado para o desenvolvimento econômico e a realização humana. Temos uma população total de mais de 600 milhões de pessoas. Nossos continentes e ilhas ostentam vastas reservas de alimentos e matérias-primas; os mercados das Américas produziram altos pa-

drões de vida. Oferecemos esperança aos povos oprimidos e empobrecidos.

Somos nações de imigrantes. Nossos recursos fizeram do novo mundo um ímã para a migração de todos os continentes. Mas foram a visão, a iniciativa, a capacidade e o trabalho árduo de nosso povo que geraram nossa riqueza e nosso bem-estar.

Os países em desenvolvimento deste hemisfério têm alcançado um nível de crescimento impressionante durante a última geração — crescimento proveniente de poupanças e investimentos, trabalho e recursos, crescimento proveniente de mercados internacionais livres para o comércio e finanças, e crescimento proveniente da iniciativa privada, risco e recompensa — marcos tanto de liberdade econômica como política.

Quando nós nos Estados Unidos olhamos para o Brasil vemos:

— O sucesso de uma economia que cresceu quatro vezes em vinte anos, mais do que dobrando a renda per capita.

— A promessa do amanhã na juventude do Brasil, com metade da sua população abaixo dos 21 anos de idade, e tornando-se mais instruída a cada ano.

— Uma confiante resposta ao desafio dos anos oitenta, diversificando sua economia e exportações com novos mercados e tecnologias. Liderança e visão em ousados projetos como Itaipú, a maior usina hidro-elétrica do mundo, e um dinâmico esforço de substituição energética, incluindo o programa de combustível de álcool que, até 1985, deverá abastecer mais da metade de seus novos carros.

— Também vemos os modernos pioneiros do Brasil explorando uma fronteira tão desafiadora quanto o Amazonas: o espaço. Hoje gostaria de propor-lhes uma idéia: treinar um astronauta brasileiro junto com os nossos, para que o Brasil e os Estados Unidos possam um dia participar de uma missão conjunta do ônibus espacial — como parceiros no espaço.

Ontem à noite eu disse ao Presidente Figueiredo que os Estados Unidos confiam em que o Brasil superará as suas dificuldades tal como os Estados Unidos superarão as suas. Mas enfrentamos sérios problemas. A sua economia tem estado em recessão assim como a nossa. Na próxima década, ambos devemos criar milhões de novos empregos para os nossos povos. Tomando as medidas necessárias agora, os nossos países po-

dem conduzir o mundo a uma nova era de crescimento — mas, desta vez, crescimento sem o peso da inflação e das taxas de juros galopantes.

Três coisas são essenciais para a recuperação total e o desenvolvimento mundiais: precisamos agir individualmente para corrigir os nossos problemas domésticos econômicos e financeiros; precisamos proteger a integridade dos sistemas comerciais e financeiros do mundo; e precisamos trabalhar juntos para ajudar o sistema internacional a evoluir para melhor assegurar a nossa prosperidade mútua.

A primeira mais importante contribuição que um país pode prestar é pôr sua própria economia e finanças em ordem. Muitos países, inclusive os Estados Unidos, não o fizeram. Em algum ponto nesta trilha, os líderes dos Estados Unidos esqueceram de como o milagre de crescimento norte-americano foi criado. Substituímos gastos governamentais por investimentos para estimular a produtividade; substituímos uma crescente burocracia por inovação privada e criação de empregos; substituímos transferência de riquezas para a criação de riquezas por recompensas de assumir riscos e de trabalhar arduamente, e substituímos subsídios e regulamentos excessivos pela disciplina e concorrência resultante da mágica do mercado.

Para os Estados Unidos o caminho de volta tem sido difícil. Quando assumi o governo enfrentávamos taxas de juros e inflação elevadíssimas e os mais altos impostos em tempo de paz de nossa história.

Nosso programa de recuperação está projetado para ajudar-nos a realizar a transição longamente esperada para uma economia estimulada por investimentos, não-inflacionária, que colocará os Estados Unidos novamente na vanguarda do crescimento.

Cortamos o aumento das despesas federais em quase dois terços. E em breve teremos reduzido os impostos pessoais em 25 por cento; cortamos a taxa mais alta de imposto sobre rendas de juros e dividendos; introduzimos novos e fortes incentivos para a poupança; encorajamos a formação de capital ao permitir uma mais rápida depreciação de equipamentos e instalações e buscamos agressivamente a desregulamentação dos mercados em energia, transportes e finanças.

Muitas destas reformas entraram em vigor há pouco me-

nos de um ano. Resta muito ainda a ser feito. Não se pode apagar décadas de pecados com um ano de penitência. Mas a confiança está voltando aos Estados Unidos. Acreditamos que a recuperação está à vista.

Inflação e taxas de juros têm sido reduzidas dramaticamente. Salários reais estão aumentando pela primeira vez em três anos. A produtividade subiu drasticamente. O capital de risco em pequenas empresas — a melhor fonte de geração de empregos e inovação de tecnologia — aproxima-se de um recorde. A taxa de poupança pessoal é a mais alta dos últimos seis anos. Nossas Bolsas de Valores alcançaram um avanço histórico num volume jamais registrado; e a nossa indústria básica, a construção de habitações, começa a reagir. Vemos também sinais de fortalecimento nas vendas de automóveis.

Acreditamos que estamos no limiar de uma expansão econômica duradoura e de bases amplas nos próximos anos. E como o maior mercado do mundo, uma próspera e crescente economia americana significará oportunidades comerciais maiores para todos os nossos amigos no mundo em desenvolvimento.

O Brasil prepara-se para tirar vantagens dessas oportunidades. O seu País vem realizando as difíceis reformas necessárias para renovar a expansão.

Isto me leva ao meu segundo ponto. Todos nós estamos tentando nos livrar desta tenaz recessão. Mas sempre podemos piorar uma má situação ao danificar aquelas poderosas máquinas de crescimento — os sistemas comerciais e financeiros mundiais.

Durante os últimos vinte anos, o Brasil exportou uma crescente variedade de produtos industriais e agrícolas, enquanto desenvolvia seus próprios recursos de matérias-primas. Seu papel no sistema de comércio internacional é agora indispensável. Seu potencial é enorme.

Alguns países no mundo industrializado vêem seu sucesso com apreensão. Temem ser sobrepujados pela sua concorrência. Temem que um setor após o outro seja desindustrializado e redistribuído para o mundo em desenvolvimento. Do mesmo modo, há países no mundo em desenvolvimento que atribuem a pobreza persistente às potências industriais, a quem acusam de exploração.

Não posso aceitar nenhum desses argumentos. Basta olhar para as exportações norte-americanas aos países em desenvolvimento deste hemisfério — que aumentaram em seis vezes numa década, na mesma proporção das importações — para constatar que nova concorrência traz novas oportunidades.

Com tantos desempregados no meu país, no seu, e em tantos outros — o protecionismo vem se tornando um fantasma que assombra o mundo. Um perigo é a proteção contra as importações, criando barreiras para evitar a entrada de mercadorias e serviços competitivos de outras nações no seu próprio mercado. Outro perigo é a proteção às exportações, utilizando meios de apoio artificiais para ganhar vantagens competitivas para suas próprias mercadorias e serviços nos mercados alheios.

O propósito dessas ações pode ser de preservar empregos, mas o resultado prático, como sabemos de experiência histórica, é a destruição de empregos. Protecionismo induz a mais protecionismo. E isto conduz apenas à retração econômica e, por fim, a uma perigosa instabilidade.

Isto me leva ao meu terceiro ponto.

A nossa crise atual não existe entre o Norte e o Sul, mas sim entre aspirações universais de crescimento e a mais prolongada recessão mundial do pós-guerra.

Reconheçamos outra realidade fundamental da vida econômica: esta recessão teve um impacto especialmente penoso nos países em desenvolvimento. Estes têm sofrido o declínio da demanda nos mercados mundiais e um menor acesso aos mercados financeiros. Isto complica muito nossa recuperação coletiva.

Assim, se é inevitável que devedores devem agir para restringir seus déficits, é igualmente importante que países que, como o Brasil, adotam eficazes planos de estabilização tenham asseguradas contínuas fontes de financiamento. Credores e devedores devem lembrar que cada um possui um enorme interesse no sucesso do outro.

Concordo com seu Presidente em que precisamos de solidariedade e compreensão. Em fevereiro último, falei perante a organização dos Estados Americanos, em Washington. Prometi que nosso Governo buscaria um novo relacionamento com as Nações do Caribe e das Américas Central e do Sul. Disse que nos aproximaríamos de nossos vizinhos não como al-

guém com mais outro plano, mas como amigo, pura e simplesmente — um amigo que busca suas idéias e sugestões sobre como poderíamos nos tornar melhores vizinhos.

Isto foi o que fizemos em Brasília. Discutimos nossos problemas, comparamos anotações, e buscamos soluções. Permitam-me repetir: desejamos seguir adiante com os senhores para ajudar na evolução do sistema internacional por meios que melhor assegurem nossa prosperidade mútua — e nós seguiremos adiante.

Para lidar com a crise de liquidez, concordamos que os recursos do FMI deveriam ser aumentados. Também propusemos uma modalidade especial de empréstimo para assegurar que o FMI tenha recursos adequados para desempenhar a sua função. Todas as principais nações em desenvolvimento deveriam ingressar no sistema de comércio mundial como parceiros integrais. Assim elas poderão partilhar mais completamente dos benefícios do comércio e, ao mesmo tempo, assumir mais completamente as obrigações do sistema de comércio. Tudo que pedimos é que examinemos juntos as vantagens mútuas decorrentes do comércio que podem ser auferidas através da ação recíproca. Tenho enorme confiança nos métodos que trouxeram benefícios jamais vistos no passado.

Precisamos aperfeiçoar os mecanismos para a solução de disputas comerciais para retirar as querelas econômicas da arena política e basear a solução de conflitos em critérios que todos respeitemos.

Precisamos completar assuntos ainda pendentes — o comércio na agricultura que resistiu à liberalização no período pós-guerra, e regras acertadas sobre salvaguardas em caso de danos que proporcionem clareza e equidade.

Temos que pensar nos desafios dos anos 80, tais como o comércio de produtos e processos de alta tecnologia, e criar regras que assegurem que não estaremos impedindo o crescimento potencial da revolução tecnológica.

Finalmente, lembremo-nos que tal como o progresso é impossível sem a paz, o crescimento econômico é um pilar essencial para a paz, acenando com horizontes mais brilhantes para todos os que sonham com uma vida melhor.

Para dissuadir a agressão, os Estados Unidos devem permanecer e permanecerão militarmente fortes. Quando me en-

contrei com a sua santidade o Papa João Paulo II, transmiti-lhe o compromisso do povo norte-americano de fazer todo o possível pela paz e a redução de armamentos, pelas crianças do mundo, estamos trabalhando para reduzir o número e o potencial destruidor das armas nucleares; estamos trabalhando para pôr fim ao impasse entre Israel e seus vizinhos Árabes; e estamos trabalhando, assim como o Brasil, para preservar a paz neste hemisfério.

Quando o Papa João Paulo II aqui esteve em 1980 ele disse aos jovens brasileiros: "só o amor constrói". Do momento que chegamos a esta terra de beleza espetacular e energia ilimitada, sentimo-nos sensibilizados pela calorosa acolhida do povo brasileiro.

Conhecemos agora o coração do Brasil; diremos adeus certos de que seu coração é forte; que seu coração é sincero; que seu coração é bom. O Brasil construirá; o Brasil crescerá. Ao seu lado, estarão os Estados Unidos como o seu parceiro no novo mundo, um parceiro para o progresso, um parceiro pela paz.

Estamos com o Brasil e não mudamos.

Muito obrigado.

03 DE DEZEMBRO
BASE AÉREA
BRASÍLIA - DF

DISCURSO DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SENHOR RONALD REAGAN, AO DEIXAR O BRASIL.

Deixo o Brasil impressionado e revigorado. Senti o calor e a energia do povo brasileiro, e sua dedicação à Paz e à Liberdade.

Minhas reuniões com o Presidente Figueiredo e seus Ministros foram bêm sucedidas em espírito e conteúdo. Mantivemos proveitosos debates sobre sistemas internacionais de comércio e finanças, e sobre as dificuldades que ambos os nossos países enfrentam neste período de lento crescimento econômico em todo o mundo. Discutimos a importância do comércio e de mercados abertos para assegurar um crescimento duradouro. De minha parte, obtive uma compreensão mais profunda a respeito das perspectivas do Brasil.

O Presidente Figueiredo e eu resolvemos encontrar soluções mutuamente aceitáveis para aquelas áreas onde temos diferenças e permanecer abertos às possibilidades de nova cooperação, especialmente na área científica e na indústria militar. Parto confiante em que o Brasil, tal como os Estados Unidos, tem a habilidade e determinação de forjar o caminho em direção a um crescimento e prosperidade renovados.

Quando aqui cheguei, lembrei ao Presidente Figueiredo o dito popular que diz: "Ninguém segura este País", e agora sei que isto é verdadeiro.

Nós levamos em consideração as ameaças à paz no hemisfério e no mundo, os perigos de uma corrida armamentista nu-

clear, a crise no Oriente Médio e as perspectivas no sul da África. Confirmei nossa intenção de manter uma defesa forte como a melhor garantia de paz para nós e nossos amigos.

Tornei claro ao Presidente Figueiredo nosso desejo de dar continuidade às nossas estreitas consultas. Sem dúvida, há questões sobre as quais temos diferenças. Porém, nosso mútuo interesse na cooperação é infinitamente mais forte. Espero que minha visita tenha ajudado — da mesma maneira que a visita do Presidente Figueiredo aos EUA — na melhoria de um relacionamento já caloroso.

Em nome de toda a nossa comitiva, quero agradecer aos senhores e a todo o povo brasileiro pela maravilhosa hospitalidade com que nos receberam.

Uma vez que espero que este não seja o nosso último encontro, não vamos dizer adeus, mas sim até logo. Partimos levando o sentimento de sua amizade junto a nossos corações.

OFFICIAL PARTY

- The Honourable George P. Shultz, Secretary of State
- The Honourable Langhorne A. Motley, Ambassador to Brazil
- The Honourable Donald T. Regan, Secretary of the Treasury
- The Honourable William E. Brock, United States Trade Representative
- The Honourable James A. Baker, III, Chief of Staff, White House
- The Honourable Michael K. Deaver, Deputy Chief of Staff, White House
- The Honourable William P. Clark, Assistant to the President for National Security Affairs
- The Honourable Richard G. Darman, Assistant to the President and Deputy to the Chief of Staff, White House
- The Honourable David R. Gergen, Assistant to the President for Communication
- The Honourable Edward V. Hickey, Jr., Deputy Assistant to the President and Director of Special Support Services
- The Honourable Michael A. McManus, Jr. Deputy Assistant to the President and Deputy to the Deputy Chief of Staff
- The Honourable Larry M. Speakes, Deputy Assistant to the President and Deputy Press Secretary to the President
- The Honourable Thomas O. Enders, Assistant Secretary of State Bureau of Inter-American Affairs
- The Honourable Marc E. Leland, Assistant Secretary of the Treasury, International Affairs
- Mr. Donald E. de Kieffer, General Counsel, Office of the United States Trade Representative

PROGRAM

30th NOVEMBER

- 10:30 p.m. — Arrival in Brasilia
PLACE: Brasilia Air Force Base
11:30 p.m. — Arrival at the Alvorada Palace

1st DECEMBER

- 10:00 a.m. — Meeting with Mr. João Figueiredo, President of the Republic
PLACE: Planalto Palace
12:15 p.m. — Arrival at Granja do Torto
01:30 p.m. — Working luncheon
PLACE: Granja do Torto
07:00 p.m. — Meeting with members of the Brazilian Congress
PLACE: Alvorada Palace
08:00 p.m. — Dinner hosted by Mr. João Figueiredo, President of the Republic, in honour of Mr. Ronald Reagan, President of the United States of America
PLACE: Itamaraty Palace

2nd DECEMBER

- 09:15 a.m. — Visit to the Embassy of the United States of America
10:00 a.m. — Meeting with Mr. João Figueiredo, President of the Republic
PLACE: Planalto Palace
11:30 a.m. — Private luncheon
PLACE: Alvorada Palace
12:55 p.m. — Arrival at Brasilia Air Force Base
01:00 p.m. — Departure for São Paulo
02:00 p.m. — Arrival in Campinas
PLACE: Viracopos International Airport

- 02:05 p.m. — Departure for the Bandeirantes Palace
02:40 p.m. — Arrival at the Bandeirantes Palace
03:00 p.m. — Courtesy call on Mr. José Maria Marin, Governor of the State of São Paulo
04:00 p.m. — Meeting, followed by reception, with business representatives from Brazil and from the United States of America
PLACE: Bandeirantes Palace
06:30 p.m. — Departure for Campinas
PLACE: Bandeirantes Palace/Heliport
07:05 p.m. — Departure for Brasília
08:10 p.m. — Arrival in Brasília
PLACE: Brasília Air Force Base
08:30 p.m. — Arrival at the Alvorada Palace

3rd DECEMBER

- 08:10 a.m. — Departure Ceremony
PLACE: Brasília Air Force Base
08:30 a.m. — Departure for Bogota

*November, 30,
Air Base
Brasília - DF*

**STATEMENT OF PRESIDENT
JOÃO FIGUEIREDO AT THE ARRIVAL
OF PRESIDENT OF THE UNITED
STATES OF AMERICA MR. RONALD
REAGAN IN BRAZIL.**

Mr. President,

*On behalf of the Government and people of Brazil,
I am pleased to welcome you as you begin your visit to our
country.*

*I likewise welcome the distinguished members of your
party.*

*Let me at the outset recall the gratifying visit I made to
your great country six months ago. I myself and — I am
certain — all my fellow countrymen shall endeavor to
reciprocate the hospitality which the American people and
Your Excellency personally extended to me during my stay in
Washington.*

*The state of relations between our countries is clearly
reflected in the friendship, mutual consideration and open
dialogue between the Presidents of the United States and
Brazil.*

*The presence of the U.S. President among us comes as
further evidence of the wide-ranging and friendly relationship
between our peoples.*

Your presence in Brazil also serves to highlight the unity of purposes which should inspire the Americas. Coming to Brazil, Your Excellency comes to Latin America. And today, perhaps more than at any other time in history, we should meditate on the future of hemispheric relations. So grave and dramatic are the challenges of the present, that past solutions have become inadequate. It is high time, therefore, to reinforce our reciprocal understanding, to discuss with one another our problems and aspirations and to move towards genuine and equitable partnership.

Interamerican relations are characterized by the same plurality of perceptions and interests which distinguish the Western World as a whole. As they perform different international roles the United States and the Latin American countries often view international questions under different perspectives. While striving to harmonize these perceptions and interests, it is fundamental for each of us to preserve our own authenticity and to participate in a constructive manner, devoid of any constraint, in a task that can only be considered as having a common nature.

Our peoples expect us to put our political will at the service of this task and to try to understand each other's needs. They expect us to have the wisdom to interact in a framework where individual problems are made worse by the economic crisis affecting all.

We are living in times of serious and growing concerns; times requiring joint efforts at a global and regional level. The promotion of peace, the return to prosperity and the fostering anew of development are interconnected aims. The fulfillment of those aims will depend on the harmonious efforts of the community of nations. To that end, our countries are ready to make whatever contribution is incumbent upon them.

The country Your Excellency is now visiting is in the midst of a remarkable effort of renewal and development. Present difficulties notwithstanding, we are fully confident that we will follow the road of democracy and progress chosen by the Brazilian people. We are certain that at the international level our friends will not fail us, for they have never failed us in the past, as we have never failed them.

We welcome Your Excellency in this spirit of hospitality and frankness. I hope that your stay with us will be successful and full of good moments and that it will mean important progress in the relations which have for so many years united Brazilians and Americans.

November, 30,
Air Base
Brasília - DF

**STATEMENT OF THE PRESIDENT OF
THE UNITED STATES OF AMERICA,
MR. RONALD REAGAN, AT HIS
ARRIVAL IN BRAZIL**

I am delighted to be here in Brazil and to have the opportunity to see this city which is famous the world over as an expression of Brazil's confidence in its destiny. I look forward to strengthening my friendship with President Figueiredo so warmly begun in May, and to continuing the discussions we began in Washington.

We are here on a working visit. In addition to Secretary of State Shultz. I have with me Treasury Secretary Regan and our Trade Representative, Ambassador Brock and other leaders of our government. We are prepared to discuss a wide range of subjects.

I also look forward to learning first-hand about this giant country and the contrast between this city and São Paulo, which is so well known the world over as an industrial and metropolitan wonder.

Our societies are similar in that we both have a frontier tradition, an openness and vision for greatness. The roots of our nations are also similar. We are both melting pots — nations that succeeded in giving their citizens, no matter what their origin, an opportunity to share with their initiative, hard work and intelligence in the vision of freedom: freedom to worship and to work in dignity for a better life.

You in Brazil have great dreams, and a vast nation blessed with enormous resources in which to fulfill them. Here in Brasilia we see dramatic proof of the spirit of a people with unlimited drive, determination and confidence in their future.

We all know of the strong and steady advance of Brazil, both domestically and internationally. Your elections November 15 demonstrate Brazil's confidence in itself and its stability in freedom. Similarly, the management of the Brazilian economy through times of economic difficulty around the world inspires us all that our present problems can be overcome.

And while we may have areas of disagreement, we also have a great deal in common. I am sure our talks will be fruitful and prove beneficial to both our countries.

On behalf of the people of the United States I bring you our good wishes and friendship. President Figueiredo, thank you for welcoming me. I already feel at home.

*December, 1st,
Itamaraty Palace
Brasília - DF*

**STATEMENT OF PRESIDENT
JOÃO FIGUEIREDO AT THE DINNER
IN HONOR OF THE PRESIDENT OF
THE UNITED STATES OF AMERICA,
MR. RONALD REAGAN.**

Mr. President,

Your Excellency's visit to Brazil is an expression of the long-standing friendship and reciprocal understanding between our countries.

The peoples and governments of Brazil and the United States benefit from their ample and valuable heritage of mutual knowledge, esteem and respect built up in more than a hundred and fifty years of good relations. As members of the Western civilization, we remain dedicated to the ideals of freedom and progress, to the preservation of individual rights and of the identity of both our peoples.

All this brings us closer together and unites us. Debating ideas, defending our legitimate interests and respecting those with whom we deal are characteristic traits of our societies that also prevail in our relationship. The maturity of our relations is indicated by the frankness with which we address each other.

Countries at different stages of development, each one occupying its own specific position in the international order, Brazil and the United States are engaged in constructive dialogue. They know full well how to take into consideration

the situation of each party, endeavoring to harmonize, with realism, their interests and objectives. The renewed intensity of contacts and visits of high level reflects this closeness. Our countries have always been united by common aspirations, although we realize that neither our individual international responsibilities nor our power are identical.

Converging views allow for our freedom to disagree and, precisely because we have this freedom, we are also to deal with our relations in a cordial and objective manner. This was the spirit prevailing in our meetings in Washington last May. Circumstances then made us concentrate our attention on the serious crisis of the Malvinas, an issue on which, we were able to hold highly profitable talks, despite our different positions.

Mr. President,

We are living through an extraordinarily difficult international moment. East-West relations are undergoing a phase of increased tension although some promising signs can be detected. The considerable tensions existing in many areas should not foreclose a number of opportunities for negotiation which, if lost, may not easily reoccur.

I am referring in particular to the Middle East question. The important initiative you have taken in this respect, together with other serene and constructive proposals originating from countries of that region itself, will surely provide an adequate basis for negotiations.

I am also referring to Namibia, which faces us on the African coast and whose independence process has reached a critical point. The fundamental role the United States Government is playing and has yet to play in this process will certainly influence the possibilities for better understanding between the West and the Third World — bringing the two of them closer together is of the highest interest to us. We trust that the independence of Namibia may be promptly achieved, the just aspirations of its people fulfilled and the security conditions for the countries of Southern Africa increased.

Our Hemisphere has not been spared the aggravation of international tensions. Erosion in the relations among the Americas is a matter of great concern for us. Brazil favours the

strengthening of Hemispheric relations. We must fashion new patterns of interaction, taking into account the complex nature of our challenges and the need to reinforce Hemispheric friendship and cooperation.

Together we must face the problems so strongly afflicting Latin America. But we must search for their economic and social roots, as pluralistic and democratic solutions cannot prosper in a climate of general poverty and social instability, where each country feels threatened in its economic security.

As we look to the future, we are bound to acknowledge the importance and vitality of our relations in the new world context. Latin America is meeting the challenge of globalizing its international presence, of intensifying contacts with the entire industrialized World and of undertaking the effort of cooperation with the other Third World countries. I am not considering a return to outmoded patterns of relationships, but, to the contrary, what I have in mind are consulting mechanisms and working methods that may help us establish mutually satisfactory partnerships.

I am bound to mention, on this occasion, Brazil's apprehension as regards the deteriorating political situation in Central America. We firmly believe that in this region, and elsewhere, the right of peoples and the sovereignty of states should be respected without external interference or pressure. We view with great hope the contribution that Latin American countries such as Mexico, Venezuela and Colombia can make to the peace making process and to the search for free and democratic solutions as those countries possess both an invaluable political experience and a traditional presence in that region.

Mr. President,

Current political problems should be seen in the light of the world economic crisis. In my speech before the United Nations General Assembly I had the opportunity of examining the features of that crisis, as well as of outlining its dangers.

The main points of that speech need not be reiterated. Its international repercussions, including the interest shown by the US Government and public opinion, made me certain I had

touched on essential issues. I was bound to do so, as the developing countries, Brazil amongst them, suffer the most with the contraction of world trade, the obstruction of international financial flows and the world-wide economic stagnation.

I have full confidence in my Government's economic and financial policy — and I cannot fail to mention, at this point, Brazil's appreciation for the positive views expressed by high authorities of your Government as regards the solidity of this policy.

It seems clear, nevertheless, that Brazil's difficulties are likely to be greatly increased:

- if protectionist tendencies persist, restricting the access of Brazilian goods to the larger markets;*
- if international financial flows are not encouraged;*
- if the developing countries, which now absorb more than 40% of Brazilian exports, do not have their difficulties alleviated;*
- and, lastly, if multilateral organisms are not strengthened, through an increase in their resources, the adoption of more up-to-date and flexible operational criteria and a wider access of developing countries to their decision-making processes.*

In short, for the world economy to recover to the benefit of all, the spirit of international cooperation for development must be reawakened. This will renew confidence and foster stability in the international trade and finance systems.

Reinvigorating the North-South Dialogue — between rich and poor nations — will be an important part of joint efforts towards the recovery of the world economy. In this connection, I must recall that Brazil remains deeply interested in the launching of the so-called Global Negotiations within the United Nations.

Mr. President,

When you arrived yesterday, I stated that you were visiting a country renewed by its development effort. One hundred and twenty million Brazilians all across our vast land are living a rich and fascinating national experience.

Throughout the country, the Brazilian people engaged in the great effort of national construction. From the most remote corners of the Amazon region, and the harsh dry lands of the North East, to the central plateau, to the industrialized regions and the pampas, our people, in an orderly and serene way, is demanding the just fruits of its labor.

We wish to see Brazil equitably rewarded for the contribution it makes to world economy. Devoted to the democratic ideals, the Brazilian Government and society are dedicated to political participation and social justice. People and Government both want Brazil to remain faithful to its roots, free, independent and friend of its friends.

This land and this people, Mr. President, will extend you all our hospitality. Your visit affords the best opportunity for strengthening and broadening understanding between the United States and Brazil. It is the sincere purpose of my Government to make our dialogue deeper and our ties closer.

Allow me, Mr. President, to invite all those present to join me in a toast to the friendship between the United States and Brazil, to the prosperity of the American people and to Your Excellency's personal happiness.

*December, 1st,
Itamaraty Palace
Brasília - DF*

**STATEMENT OF THE PRESIDENT OF
THE UNITED STATES OF AMERICA,
MR. RONALD REAGAN, AT THE
DINNER HOSTED BY PRESIDENT
JOÃO FIGUEIREDO**

President Figueiredo, thank you for your cordial welcome. There is an old saying in Brazil that says: "The United States is a very big country, but Brazil is colossal". Flying for hours in a jet aircraft gives one a sense of just how colossal Brazil is. In fact, the only thing larger than Brazil is the heart and goodwill of the Brazilian people. You, Mr. President, and all Brazilians have said bem vindo — welcome. We do feel welcome and at home.

I am told that 77 years ago, the Baron of Rio Branco, that great Brazilian diplomat, in referring to the arrival of one of Secretary Shultz' predecessors, Elihu Root, is supposed to have said: "His eyes may not be dazzled by our small material progress, but his American philosophy will surely be pleased to note the new phenomena in the Brazilian nation: activity, energy, and hope". I can assure you that my American philosophy is still very much in tune with Brazil's phenomenal activity, energy and hope. I must also admit that my eyes are dazzled by the progress of the Brazilian nation.

Clearly, the post-war period, the time when relationships were still determined by the monumental events of the Second World War, is over. Old patterns are giving way to new relationships. Economic and political power once concentrated

in the hands of a few is being spread, as it should, among many nations; this is a result, not of redistribution, but the creation of vast new wealth generated by modern technology, creative enterprise and hard work.

President Figueiredo, you capsulized it well at the United Nations when you said:

"The extraordinary release of productive forces on a worldwide scale in the postwar period wrought within a few decades the intricate patterns of a different world, a complex and unstable world, but also a diversified and promising one".

Mr. President, I was very impressed by the depth of analysis and the strength of conviction of your speech at the United Nations.

Today, Mr. President, I renew my pledge to maintain with you the closest of consultation. Friendship does not mean total agreement; instead it suggests shared values, ideals, mutual respect and trust. This is certainly true of the Brazilian and American peoples — I know, Mr. President, it is true of you and me as individuals. Our countries, as friends, and we, as leaders of these great nations, will work together to overcome the challenges we face to our prosperity and freedom.

Recently, our economies have been hard hit by recession, something experienced in most of the world. In the United States, as you are doing here in Brazil, we are taking the painful steps necessary to overcome the economic crisis that threatens our people.

Self-discipline is necessary; so, too, is mutual accommodation. Borrowers must move to restrict their deficits. But it is just as important that lenders not withhold new funds from countries which adopt effective stabilization plans. Lenders and borrowers must remember that each has an enormous stake in the other's success.

Similarly, the integrity of the world trading system must be preserved, so it can serve once again as the great engine of growth. Closed markets must be carefully opened. Open markets must be shielded from protectionism.

Our challenge is to make our trading and financial relationships remain a source of prosperity and strength — not become a source of discord and disagreement.

Toward that end, we believe that economic relationships among the trading nations of the world must rest on three main pillars:

— First, a spirit of cooperation. Our economies are so clearly intertwined that our best hope for growth is to act in concert, not in isolation. Nothing is more destructive than unilateral decisions by individual countries to cut back trade or financial flows. We cannot prescribe what the private sector should do. But our goal should be government and private relations that can be relied upon.

— Second, a spirit of fairness. In today's climate, there is a powerful temptation for countries to take action at the expense of their neighbors. We have seen in the past the damage that can do.

— Finally, there must be a spirit of commitment — commitment to stable economic growth shared by nations around the globe.

The debt problems facing many nations today are imposing, and we must act together to ensure that we have the tools to deal with them. The resources of the International Monetary Fund are one of the most important of these tools. To assure the adequacy of the IMF resources, the United States has proposed that in addition to an increase in the IMF quotas there should also be a special borrowing arrangement to meet the demands that may be placed on the IMF. Where countries need assistance as they seek IMF funding, those able to do so must act to provide bridging funds. We also need trading rules that reflect the enormous changes in world trade that have occurred since GATT was established 35 years ago. The meeting which has just ended in Geneva was a useful step along that road, but we still have a long way to go.

Many countries will need to pass through a painful period while making necessary adjustments in the years ahead, and we must work closely together during this transition.

We will work with you to help the international system evolve so as to bring a brighter economic day to our people.

At times it is too easy to be lured into the trap of seeing only the problems, pitfalls and vulnerabilities of the journey. This is especially true in a period of economic crisis.

President Figueiredo, the United States is overcoming its

crisis, and I want you and all Brazilians to know we are confident Brazil will surmount its current difficulties. There is an old saying here that "Nothing Stops Brazil". Well, Mr. President, nothing will stop Brazil.

We are confident because we know the character of your people. Our citizens come from the same mold. We are nations of immigrants. Our national soul was honed on the frontier, by people with the courage to leave the familiar and face the unknown. This is the heritage of your land and mine.

The people who came here wanted to better their lives and the lives of their children. The frontier of the New World did not offer streets paved with gold, it offered opportunity and the spirit of freedom. Today, freedom loving people around the world are tremendously encouraged by your stable transition back to democracy.

History proves that the freer a people become, the more their creative energies are unleashed. You touched on this last year when you outlined your commitment to representative government. "Democracy", you said, "is none other than a system in which every individual has the chance to play a highly responsible and active role on the stage of national politics, rather than the role of a mere passive spectator".

Last month about 50 million of your countrymen became political activists instead of spectators. Your legislative and gubernatorial elections demonstrated the vigor and vitality of the democratic ideal in this hemisphere. We salute you, President Figueiredo, for your strong leadership in opening this new chapter in your country's history, and we salute your fellow countrymen as well. From all accounts, your elections were much more than political contests, they were a celebration of freedom.

What we strive for is a hemisphere where the future is determined not by bullets, but by ballots; a hemisphere of countries at peace with themselves, with one another, and at peace with the world.

The peace we have known has been a precious asset for the Americas. Instead of allocating a great share of their resources on military spending, the developing countries of this hemisphere have invested in the future. This has been no accident.

From the Pan American Union to the Treaty of Rio de Janeiro and the Organization of American States, this hemisphere has been in the forefront of multilateral international cooperation. No other region of the world can match our record.

Mr. President, I cannot forget that when last we met the hemisphere faced a crisis in the South Atlantic. Your country was a voice of moderation and reason. We both found to be unacceptable the first use of military force to resolve that dispute. Underlining our support of this principle, the United States recently joined with Brazil and other countries of the hemisphere in calling upon Great Britain and Argentina to negotiate their differences.

As your speech before the United Nations suggested, Brazil's concern for peace extends far beyond this hemisphere, specially in an age when the weapons of destruction threaten all mankind. Let me assure you tonight, and all of our friends in this hemisphere, the United States is absolutely determined to maintain peace, and bring the nuclear arms race under control.

Here again, our hemisphere has an exemplary record. Through the nuclear-free zone, as defined by the 1967 Treaty of Tlatelolco, we have already demonstrated the kind of progress that can be achieved in this vital area of arms control.

Brazil can take great pride that it is a country with a long border, touching more nations than any other in the hemisphere — yet you remain at peace with your neighbors. This is a gift from a former generation of Brazilians such as the Baron of Rio Branco who, with vision, hard work and a spirit of fairness and compromise, resolved difficult problems. Together, we should strive to pass on that same gift to future generations in our hemisphere.

But just as threatening as conventional armies or nuclear weapons are counterfeit revolutionaries who undermine legitimate governments and destroy sources of economic progress; insurgents who are, at great expense, armed by the surrogate of a far away power; a power that espouses a philosophy alien to the Americas, whose goal is the destabilization of our governments and economies. This is aggression, pure and simple.

When President Dwight Eisenhower visited this city in 1960 — even before it was consecrated as your capital — he stressed the commitment of the United States to the Charter of the Organization of American States and the Mutual Assistance Treaty of Rio de Janeiro. Today I reaffirm that commitment and that pledge. We stand firmly with the other responsible nations of the Americas in opposing those who, with violence and force of arms, try to undermine economic progress and political stability.

The covenant among the American states, of course, is as much moral as it is legal. A great Brazilian statesman, Joaquim Nabuco, understood this when, at the turn of the century, he noted: "Our alliance is . . . a completely peaceful one, which shines outside of the American orbit only to let the rest of the world know that it can be called the hemisphere of peace".

Those words reflect the goal of the United States: A hemisphere of peace.

Tonight I want to share with you a dream I have about the Americas. Joaquim Nabuco must have had a similar dream when he called for us to be the vanguard of civilization. It is a vision of two great land masses, rich in opportunity and resources; populated by people from every part of the world of every race and background; living together, trading together in peace and freedom; people who share a desire for liberty and a respect for the rights of others. A people who know that with ingenuity and enterprise no obstacle is too great. People who share a belief in those fundamental values of God, family and justice that give meaning to our existence.

What is so remarkable is that this dream is within the grasp of this generation. We have a hemisphere composed of 600 million hardy souls. We have the resources and the know how. Just as important, we have a wellspring of goodwill between us that waits to be tapped. With faith, commitment, common sense and strength of character, we can meet the challenges to our peace and prosperity. No one should be disheartened by the dark night of problems that surround us. There is a beautiful sunrise coming and when it does, as Nabuco said, we can shine as an example to the rest of the world. We can and will be a hemisphere of peace, of prosperity and of freedom.

On a personal note, Mr. President, I was deeply moved not only by the unique gesture you made today in offering the Granja for a delightful luncheon and meeting, but also the warm and hospitality that you've shown to me and my cabinet officers.

President Figueiredo, all of you, it has been an honor to be with you this evening. Please accept, on behalf of the American people, our warmest wishes of friendship, admiration and respect.

And now would you join me in a toast to President Figueiredo, to the people of Brazil and to the dream of democracy and peace here in the Western Hemisphere.

*December, 2,
Bandeirantes Palace
São Paulo - SP*

**SPEECH ADDRESSED OF THE PRESIDENT
OF THE UNITED STATES OF AMERICA,
MR. RONALD REAGAN TO U.S. AND
BRAZILIAN BUSINESS LEADERS**

Thank you very much Governor Marin. I've looked forward to this day.

It is an honor to speak to men and women of enterprise here in São Paulo. This city was built by innovation and hard work in a spirit of confidence and hope.

I bear heartfelt wishes of friendship from your neighbors to the North who, like you, are Americans — citizens of this New World. Like you, they yearn deeply for peace, share your love for democracy, and your commitment to build a future of progress and opportunity.

We look to Brazil with the admiration and respect due a great nation. One of your renowned writers, Monteiro Lobato, lived in our country in the 1920's and 1930's. While there, he wrote a book called "America", in which he said, "The Brazilian . . . considers his country the marvel of marvels, but with one single defect: that it is not well known abroad".

If he were writing today he could still say, Brazil is the marvel of marvels; but he would have to admit that your reputation has caught up with your achievements.

We hear it said, in a world wracked by political tensions, recession, poverty, energy shocks, debt, high interest rates and inflation, that there is little hope for a new era of lasting growth and prosperity.

I would never minimize the problems we face, or our

urgent need to deal effectively with them. I will talk about them in a minute. But you know, I just have to say, I have been around for quite a few years now. I have lived through world wars and economic depression. And what's impressed me even more than those terrible crises is mankind's unending courage to bounce back, to struggle, to find new cures and novel solutions.

To all those doomcriers, and they are worldwide, we have a message: The hope of the world lives here — in the New World — where tomorrow is being built today by brave pioneers like yourselves — people who believe in each other and who will never lose their faith in the future.

In that remarkable speech President Figueiredo gave to the United Nations, he expressed his confidence in the world community's capacity for renewal. He said of Brazil, "we have made considerable efforts towards economic development, with promising results which fill with hope not only the people of Brazil, but also all peoples yearning to attain standards of living compatible with human dignity and modern development".

I share his confidence. May I also share with you today a dream I have long had? A dream of strengthening our relations with Brazil, and with all our neighbors here in the Western Hemisphere. On this shrinking planet, the drive for renewal, economic progress, and leadership for world peace should come from the New World. Here we are blessed with great abundance: Resources, technology, and, most important, the spirit of freedom — a spirit that harnesses our energies to pursue a greater good.

There is, in the world today, a counterfeit revolution, a revolution of territorial conquest, a revolution of coercion and thought control, where states rule behind the barrel of a gun, and erect barbed wire walls, not to keep enemies out, but to keep their own people in.

The real revolution lives in principles that took root here in the New World. The first principle says that mankind will not be ruled, in Thomas Jefferson's words, "by a favored few" The second is a pledge to every man, woman and child: No matter what your background, no matter how low your station in life, there must be no limit on your ability to reach

for the stars, to go as far as your God-given talents will take you.

Trust the people; believe every human being is capable of greatness; believe every society is capable of self-government — this is the soul of our revolution, the soul of democracy and freedom; it is the New World's gift to the Old. Only when people are free to worship, create and build, only when they are given a personal stake in deciding their destiny, and benefitting from their own risks — only then do societies become dynamic, prosperous, progressive and free.

In terms of geography, Brazil is of the South and the United States the North. But in terms of historical ties and fundamental values, we are nations of the West and the New World. And we are among the few nations which exercise worldwide influence and responsibility.

As Americans from the North or South, whether we are leaders in government or private industry, we must work harder to break down barriers to opportunity for our people; we must marshal every possible asset for growth; we must insist on sound economic policies at home, and more open trading and financial systems around the world.

The great republics of South and North America and the Caribbean have virtually unlimited potential for economic development and human fulfillment. We have a combined population of more than 600 million people. Our continents and islands boast vast reservoirs of food and raw materials; the markets of the Americas have produced high standards of living. We offer hope to oppressed and impoverished people.

We are nations of immigrants. Our resources have made the New World a magnet for migration from all continents. But it has been the vision, the enterprise, the skill and the hard work of our people that has created our wealth and well being.

The developing countries of this Hemisphere have achieved a record of soaring growth over the last generation — growth from savings, investment, work and resources, growth from open world markets for trade and finance, growth from private initiative, risk and reward — the cornerstones of both economic and political freedom.

When we in the States look at Brazil, we see:

— The success of an economy that grew four-fold in 20

- years, more than doubling per capita income.*
- The promise of tomorrow in Brazil's youth, with one-half your population under 21, and becoming better educated every year.*
- A confident response to the challenge of the eighties, diversifying your economy and exports with new markets and technologies.*
- Leadership and vision in daring projects like Itaipu, which will be the largest hydroelectric dam in the world, and a strong energy substitution drive, including the alcohol fuel program which is to power more than one-half your new cars by 1985.*
- We also see Brazil's modern pioneers exploring a frontier as challenging as the Amazon: Space.*

Last night I told President Figueiredo that the United States has confidence that Brazil will overcome its difficulties just as the United States will overcome its own. But we face serious problems. Your economy has been in recession, and so has ours. In the next decade, we must both provide millions of jobs for our people. By taking the necessary steps, now, our countries can lead the world toward a new era of growth — but, this time, growth without the albatross of runaway inflation and interest rates.

Three things are essential for full world recovery and development: We must each move to correct our domestic economic and financial problems; we must protect the integrity of the world's trading and financial systems; and we must work together to help the international system evolve and better assure our mutual prosperity.

The first, most important contribution any country can make is to get its own economic and financial house in order. Many countries, including our own, did not do so. Somewhere along the way, the leaders of the United States forgot how the American growth miracle was created. We substituted government spending for investment to spur productivity; a bulging bureaucracy for private innovation and job creation; transfers of wealth for the creation of wealth by rewards for risk taking and hard work; and government subsidies and over-regulation for discipline and competition from the magic of the marketplace.

For the United States, the way back has been hard. When my Administration took over, we faced record interest rates and inflation and the highest peacetime tax burden in our history.

Our recovery program is designed to help us make a long-overdue transition to an investment-powered, non-inflationary economy that will put the United States back on the cutting edge of growth.

We have cut the growth of federal spending by nearly two-thirds, and soon we will have reduced personal tax rates by 25 percent. We have cut the top rate of tax on interest and dividend income, introduced strong new incentives for savings, encouraged capital formation by permitting more rapid depreciation of plant and equipment, and aggressively pursued deregulation of markets in energy, transportation and finance.

Many of these reforms have been in place for barely a year. Much more remains to be done. You can't wipe away decades of sins with on year of penance. But confidence is returning to the United States. We believe recovery is in sight.

Inflation and interest rates have been brought down dramatically. Real wages are increasing for the first time in 3 years. Productivity is up sharply. Venture capital in small business — the best source of job creation and technological innovation — is near a record. The personal savings rate is at a 6-year high. Our equity markets have made an historic advance on record-breaking volume; and our bedrock industry, housing, has begun to rebound. We are also seeing signs of strength in auto sales.

We believe the door is now opening to a lasting, broad-based economic expansion over the next several years. As the world's largest single market, a prosperous, growing U.S. economy will mean increased trading opportunities for our friends in the developing world.

Brazil is preparing to take advantage of these opportunities. Your country has been making the difficult reforms needed to renew expansion.

This brings me to my second point: All of us are trying to work our way free from this tenacious recession. But we can always make a bad situation worse by damaging those

powerful engines of growth — the world's trading and financial systems.

Over the last 20 years, Brazil has exported an expanding range of industrial and agricultural products, while developing its own raw material resources. Your role in the international trading system is now indispensable. Your potential is enormous.

There are some in the industrial world who view your success with apprehension. They fear being overwhelmed by your competition. They fear that one sector after another will be de-industrialized and redeployed to the developing world. Likewise, there are some in the developing world who attribute persistent poverty to industrial powers, whom they accuse of exploitation.

I cannot accept either argument. One need only look at U.S. exports to the developing countries of this hemisphere — which have increased six-fold in a decade, the same as imports — to see that new competition brings new opportunities.

With so many out of work — in my country, yours, and others — protectionism has become an ugly spectre stalking the world. One danger is protection against imports, erecting barriers to shut out the competitive goods and services of others in one's own markets. Another danger is protection of exports, using artificial supports to gain competitive advantage for one's own goods and services in the markets of others.

The aim of these actions may be to protect jobs, but the practical result, as we know from historical experience, is the destruction of jobs. Protectionism induces more protectionism and this leads only to economic contraction and, eventually, dangerous instability.

This brings me to my third point. Our crisis today is not between North and South, but between universal aspirations for growth and the longest worldwide recession in post-war history.

But let us also acknowledge another fundamental fact of economic life: This recession has had a particularly painful impact on developing countries. They have suffered declining

demand in world markets and falling access to financial markets. This greatly complicates our collective recovery.

So, if it is inevitable that borrowers must move to restrict their deficits, it is equally important that countries, like Brazil, that adopt effective stabilization plans be assured of continued financing. Lenders and borrowers must remember that each has an enormous stake in the other's success.

I concur with your President that we need solidarity and understanding. Last February, I spoke before the Organization of American States in Washington. I pledged that our administration would seek a new relationship with the nations of the Caribbean, and Central and South America. I said we would approach our neighbors not as someone with still another plan, but as a friend, pure and simple — one who seeks their ideas and suggestions on how we could become better neighbors.

This is what we have done in Brasilia. We discussed our problems, compared notes, and sought solutions. Let me repeat: We want to go forward with you to help the international system evolve in ways that better assure our mutual prosperity — and we will go forward.

To handle the liquidity crisis, we have agreed that I.M.F. resources should be increased. We have also proposed a special borrowing arrangement to make sure that the I.M.F. will have adequate funds to carry out its function.

The leading developing nations should all enter the world trading system as full partners. Then they can share more fully in the gains from trade and, at the same time, assume more fully the obligations of the trading system. All we ask is that we examine together the mutual trading gains that can be achieved through reciprocal action. I have enormous confidence in the methods that have brought unprecedented benefits in the past.

We must improve the mechanisms for the settlement of trade disputes to take economic quarrels out of the political arena, and base resolution of conflicts on criteria we all respect.

We must complete unfinished business — trade in agriculture which has resisted liberalization in the post-war

years, and agreed rules on safeguards in the event of injury that provide for transparency and equity.

And we must look ahead to the emerging challenges of the 1980's, such as trade in high technology products and processes, to devise rules that will ensure we do not impede the growth potential of the technological revolution.

Finally, let us remember that just as progress is impossible without peace, economic growth is a crucial pillar of peace, beckoning with brighter horizons all who dream of a better life.

To deter aggression the United States must and will remain militarily strong. When I met with His Holiness Pope John Paul II, I gave him the pledge of the American people to do everything possible for peace and arms reduction. For the sake of the children of the world, we are working to reduce the number and destructive potential of nuclear weapons; we are working to end the deadlock between Israel and her Arab neighbors, and we are working, as you are, to preserve the peace in this hemisphere.

When Pope John Paul visited here in 1980, he said to young Brazilians, "Only love can build". From the moment we arrived in this land of spectacular beauty and unbounded energy, we have been touched by the special warmth of the Brazilian people.

We have come to know the heart of Brazil; we will say goodbye knowing her heart is strong, her heart is true, her heart is good. Brazil will build. You will grow. And by your side will be the United States — your partner in the new world, a partner for progress, a partner for peace.

*December, 3,
Air Base
Brasília - DF*

**STATEMENT OF THE PRESIDENT OF
THE UNITED STATES OF AMERICA
MR. RONALD REAGAN ON
DEPARTURE FROM BRAZIL**

I leave Brazil impressed and revigorated. I have felt the warmth and energy of the Brazilian people and their dedication to peace and freedom.

My meetings with President Figueiredo and his ministers were successful in spirit and substance. We conducted serious discussions about the international systems of trade and finance and the difficulties both our countries face in this period of slow economic growth around the world. We discussed the importance of trade and free markets to bring lasting growth. For my part, I've gained a deeper understanding of Brazil's perspectives.

President Figueiredo and I resolved to find mutually acceptable solutions to those areas where we have differences, and to remain open to possibilities for new cooperation, especially in the areas of scientific and military industry. I leave confident that Brazil, like the U.S., has the skill and determination to work its way up to renewed growth and prosperity. When I arrived here I reminded President Figueiredo of the old saying, "Nothing stops Brazil", and now I know it's true.

We considered the threats to peace in the hemisphere and in the world, the dangers of a nuclear arms race, the crisis in the Middle East and prospects in Southern Africa. I confirmed

our intention to maintain a strong defense as the best assurance of peace for us and our friends.

I made clear to President Figueiredo our desire to continue close consultations with him. Of course, there are issues on which we have differences. But our mutual interest in cooperation is infinitely stronger. I hope that my visit has helped — in the same way that President Figueiredo's visit did — to improve an already warm relationship.

On behalf of our entire delegation, I want to thank you and all the Brazilian people for the wonderful hospitality you showed us.

Since I hope this meeting will not be our last, let us not say Adeus, but Ate Logo. We go with the spirit of your friendship tucked close to our hearts.

Composto e Impresso:



SIG - C 4 - Lt 175 - Fone 225-1826 - Brasília - DF



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE CIVIL
SECRETARIA DE IMPRENSA E DIVULGAÇÃO
BRASÍLIA/82